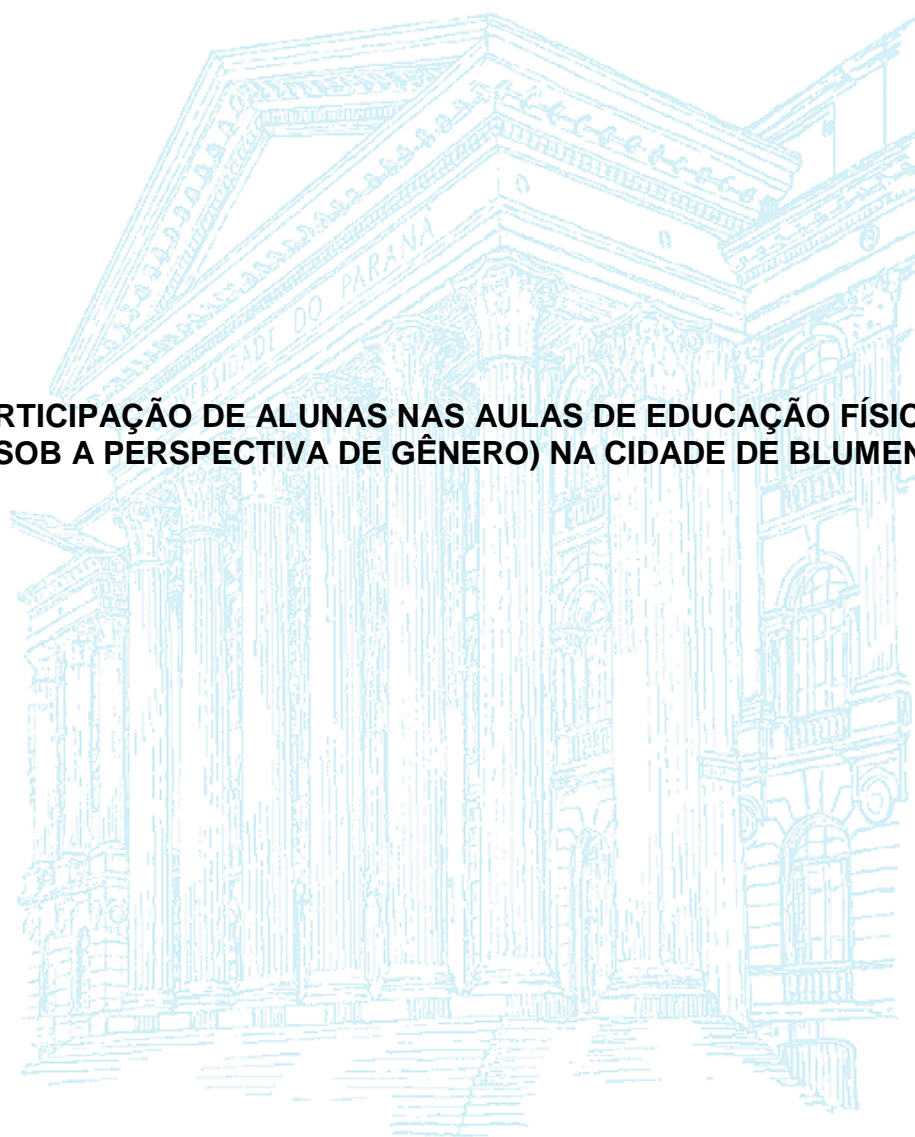


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA PAULA MUELLER

**A PARTICIPAÇÃO DE ALUNAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA (UM  
OLHAR SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO) NA CIDADE DE BLUMENAU – SC.**



BLUMENAU  
2016

ANA PAULA MUELLER

A PARTICIPAÇÃO DE ALUNAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA (UM OLHAR  
SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO) NA CIDADE DE BLUMENAU – SC.

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. José Francisco Gontan Albiero

Co-orientadora: Prof. Gerusa Ramos.

BLUMENAU  
2016

## **A PARTICIPAÇÃO DE ALUNAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA (UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO) NA CIDADE DE BLUMENAU – SC.**

**Ana Paula Mueller<sup>1</sup>;  
José Francisco Gontan Albiero<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Pós-graduanda no curso de Especialização em Gênero e Diversidade pela Universidade Técnica Federal do Paraná (UTFPR) e Licenciada em Educação Física pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB)

E-mail: anapmueller17@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Saúde Coletiva na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Educação e Docente da Universidade Regional de Blumenau (FURB) e-mail:

chicoalbiero@gmail.com

### **RESUMO**

Falar de Gênero na atualidade é compreendê-lo como um fenômeno resultante de um processo da construção social, assim sendo, a escola um importante espaço de transformação social é o foco de nosso trabalho, em específico as relações de gênero existentes nas aulas de Educação Física (EF). O objetivo deste estudo baseou-se na verificação de fatores que influenciassem a não participação das estudantes do gênero feminino matriculadas no ensino médio de uma escola pública na cidade de Blumenau-SC, durante as aulas de EF do mês de setembro de 2015. Metodologicamente este estudo tem caráter qualitativo e utilizou como instrumento de pesquisa um questionário adaptado de Kobal (1996), seus resultados foram confrontados com a literatura especializada referente a gênero no cotidiano escolar. Como principais resultados destacam-se: a) as estudantes não participantes não relacionam as implicações de gênero como um fator relevante para suas condutas e, b) as alunas participantes das aulas percebem que as relações de gênero influenciam na participação das aulas de EF. Apontando a necessidade de incluirmos o tema gênero no Projeto Político Pedagógico e nas práticas do cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar, Gênero e Projeto Político Pedagógico (PPP).

### **ABSTRACT**

Speaking of gender nowadays means understanding it as a resulting phenomenon of a social construction process, thus, being the school an important space for social transformation, it becomes the subject of this work, specifically the gender relations existing in physical education (PE) classes. The aim of this study is based on checking the factor influencing the non-participation of female students enrolled in middle school of a public school in the city of Blumenau-SC, during the PE classes of September, 2015. Methodologically, this study is qualitative and it used an adapted Kobal questionnaire (1996) as a research instrument, being the results confronted with specialized literature referring to gender in the school's routine. As main results, two stand out: a) the non-participant female students do not relate gender implications as a relevant factor to their behavior and, b) the participant female students notice gender relations as an influence to their participation in the

PE classes. Therefore, it points out the need to include the gender theme in the political pedagogical project (PPP) and in the school's routine practices.

## INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar trata do conhecimento denominado Cultura Corporal, para tanto se faz necessário ofertar aos educandos uma variedade de atividades físico-motoras, sejam elas por meio dos Jogos, dos esportes, das ginásticas, das lutas e da dança, com a finalidade de ampliar o repertório motor, desenvolver ou refinar às habilidades já apreendidas, entre outros aspectos. (CASTELLANI FILHO et al. 2009).

Porém, o que se percebe é a supervalorização dos Esportes sobre os demais conteúdos. Autores como Castellani Filho et al. (2009) apontam que isto ocorreu por forte influência do período pós-guerra, desenvolvendo-o como elemento predominante da cultura corporal, transformando a visão de esporte da escola em esporte na escola, o que vinha de encontro ao momento da educação física denominado: tecnicista, onde os princípios de rendimento desportivo, a competição, a regulamentação, entre outros aspectos; norteavam o desenvolvimento da disciplina de Educação Física e consolidando-a como componente curricular a partir da eficiência.

Embora a proposta curricular do estado de Santa Catarina (ESTADO DE SANTA CATARINA, 2005) tratar da disciplina de Educação Física sob a concepção histórico-cultural a qual seleciona a área da corporeidade e do movimento humano a fim de contribuir na formação crítica e participativa, portanto, cidadã do/a educando/a, percebe-se que a centralidade dos conteúdos pautada no esporte ainda prevalece, com os percalços de exclusão provenientes do modelo tecnicista da década de 1970, inclusive, no que diz respeito às relações de gênero durante as aulas práticas.

O programa de cursos de capacitação da rede estadual de ensino do ano de 2015 buscou desenvolver assuntos ligados a Inclusão e a Diversidade, de modo que a temática de Gênero e todas as suas implicações, nos são apresentadas como temas relevantes e indissociáveis da educação no âmbito escolar com vistas a atender uma importante necessidade social de cultura de paz, respeito, igualdade e

livre de preconceitos as quais devem estar contidas no Projeto Político Pedagógico (PPP) e por consequências nos planos de curso de cada disciplina curricular.

A escola é um ambiente democrático, de formação de cidadãos críticos e de desenvolvimento da autonomia, assim trata a Proposta Curricular do estado. E como tal necessita refletir como algumas situações que ocorrem hoje na sociedade, o mundo fora da escola e que influencia também o universo escolar, podem ser evitadas ou minimizadas quando são desenvolvidas discussões em sala de aula.

Desta forma, as escolas públicas da rede estadual de ensino estão se atualizando através de cursos de capacitação e atualização profissional sobre Inclusão e Diversidade na escola, para discutir e disseminar novas formas de viver na Diversidade e compreender como é necessária a Inclusão para minimizar a falta de conhecimento e o preconceito com o diferente.

Bastando-nos, enquanto professores/as de Educação Física escolar, refletir sobre como iremos concretizar tais atitudes; principalmente superando o silenciamento e a invisibilidade perante os conflitos entre os gêneros com o propósito maior de superar ações excludentes e preconceituosas, já enraizadas em nossa sociedade e que repercutimos em nossa prática docente mesmo sem nos perceber.

Nas aulas práticas de EF verifica-se o grande número de participantes do gênero masculino nos espaços esportivos do Futsal, o qual representa o maior espaço da quadra e, em algumas aulas, o maior número de alunos nas práticas da escola investigada, a qual atribuir-se - á o nome fictício de escola do Aviador.

Quando os meninos participam do voleibol as meninas retiram-se da parte central da quadra e formam uma roda para jogar somente entre elas, por receio de machucarem-se ou até de serem constrangidas pelo gênero masculino por não possuírem os mesmos níveis de habilidades como força, destreza e agilidade comparadas a eles, portanto, preferem a separação da atividade central e jogar pelos cantos do espaço destinado às aulas de EF. Estas observações também são narradas no estudo de Corsino (2010), demonstrando que os meninos, principalmente nos dias de aulas “livre”, aulas que os alunos/as escolhem qual atividade irão realizar, tomam conta da maioria dos espaços para a prática de atividades físicas, enquanto as meninas permanecem nos arredores da quadra.

Como pesquisadora deste estudo e professora de EF na escola do Aviador observa-se como algumas meninas buscam a exclusão nitidamente, evitam

atividades com bola e preferem os jogos de mesa (tabuleiros, cartas, entre outros) ou as caminhadas, por reconhecerem não ter habilidades ao manusear a bola, evitando assim os constrangimentos e possíveis lesões nestas práticas.

O intuito de desenvolver este estudo é discutir o paradigma socialmente construído: “Futebol é coisa de menino, Voleibol é coisa de menina”, com a finalidade de pensar em uma sociedade mais igualitária, livre de preconceitos e por consequência, menos violenta.

Neste sentido, o tema gênero em Educação Física nas escolas públicas em Santa Catarina é importante, pouco pesquisado, essencial para o conhecimento da realidade na qual estamos inseridos e também para estimular a produção de conhecimentos científicos nesta abordagem.

Com base no referencial teórico escolhido, faremos algumas importantes pontuações, inicialmente sobre o estudo de Altmann (2011): Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?", o qual realiza uma análise de gênero nas aulas de Educação Física Escolar discutindo a partir da ótica de professores e professoras da rede pública de ensino da região metropolitana de Campinas, as relações de gênero nas aulas mistas e as possibilidades de discussão sobre os estereótipos de feminino e masculino nas aulas. Nesta mesma linha de estudo encontra-se o estudo etnográfico de Corsino (2010), onde o autor fala das misturas e das separações presentes nas aulas de EF, observando o trabalho docente de professores/as de uma escola pública de São Paulo, citando um comportamento típico de silenciamento destes docentes diante das cenas onde haviam possibilidades de reflexão sobre a temática de gênero e nitidamente conseguimos compreender a falta de estudo e conhecimento destes profissionais quanto ao tema.

O estudo de Ferraz (2002) discute as questões de gênero na aula de Educação Física - Representações de alunas e de alunos do 9º Ano da Escola Básica do 2º, 3ºs Ciclos de Santiago, buscou identificar num grupo de 12 meninos e 12 meninas de uma Escola Básica de Santiago (Chile), qual a utilidade da disciplina de Educação Física, dentre outros aspectos. Onde apareceram características de um Currículo Oculto, o qual vinha a contribuir na construção e reprodução dos estereótipos excludentes de gênero.

Na resenha de Marques (2014) sobre o estudo de Corsino e Auad (2012) intitulado: “O professor diante das relações de gênero na Educação Física Escolar”,

o estudo visa discutir como as questões de gênero encontram-se presentes nas aulas de Educação Física e como, na escola investigada, as práticas pedagógicas destoam da Proposta Curricular do estado de São Paulo, apontando este como um dos principais motivos para não se desenvolver discussões acerca das questões de gênero, levando-se em consideração o olhar das professoras e dos professores da unidade escolar investigada.

Delgado et al (2010) desenvolve a pesquisa: Educação Física escolar: a participação das alunas no ensino médio é semelhante a este estudo. Evidenciando os fatores que levam a não participação das estudantes do gênero feminino, tratando de questões como o relacionamento aluno/a x aluno/a e aluno/a x professor/a, a importância dada às aulas e a busca de sugestões para melhorar as aulas.

Com base no acima exposto o objetivo geral desta pesquisa se propõe a Verificar o (s) fator (es) determinante (s) da participação do gênero feminino na realização das aulas de Educação Física em uma escola de Blumenau - SC, a qual receberá o nome fictício de Escola do Aviador. Tendo por finalidade apontar aos professores/as e a direção escolar reflexões e ajustes no Projeto Político Pedagógico (PPP) quanto ao tema Gênero nas aulas de Educação Física e propor aos alunos/as, professores/as e a direção, seminários de estudos com intuito de conhecer e debater o tema.

## **METODOLOGIA**

Este estudo trata-se de uma abordagem quantitativa e qualitativa. Isto é, uma abordagem mista conforme apontam Dall Farra e Lopes (2014): “No método misto, o pesquisador baseia a investigação supondo que a coleta de diversos tipos de dados garanta um entendimento melhor do problema pesquisado”. (CRESWELL, 2007, p. 34-35). As questões quantitativas referem-se às perguntas fechadas. A questão aberta utilizará variáveis qualitativas para a sua elucidação, acompanhadas pelas discussões do referencial teórico e pela experiência enquanto docente da escola do Aviador.

No primeiro momento, realizou-se o contato na escola a fim de obtermos a autorização para a realização do estudo, a partir de então, selecionamos duas

turmas de segundos anos do Ensino Médio de uma escola da rede pública estadual de ensino na cidade de Blumenau – SC. Com a finalidade de mantermos a discrição e o sigilo das alunas a escola receberá o nome fictício de Escola do Aviador. O grupo foi composto por 30 (trinta) estudantes do gênero feminino na faixa etária dos 15 (quinze) aos 19 (dezenove) anos de idade, esta escolha se fez pelo fato de ambas as turmas serem muito participativas, inclusive nas aulas teóricas, na elaboração de pequenos projetos e com visões muito críticas da realidade.

Na escola atuam seis professores de Educação Física, sendo três do gênero masculino e três do gênero feminino. A estrutura do espaço destinado para a realização das aulas de Educação Física é composta por um ginásio poliesportivo, uma quadra externa e sem cobertura de mini futsal e uma quadra externa e sem cobertura de tênis, as quais são pouco utilizadas pelas adversidades climáticas da região e, ainda três mesas espalhadas entre o refeitório e o ginásio para a realização do tênis de mesa. Deste modo, as aulas ocorrem no modelo “livre”, onde os alunos e alunas escolhem quais atividades realizar.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o questionário adaptado de Kobal (1996), composto de 7 questões (6 perguntas fechadas e 1 semi aberta). A análise dos dados será realizada a partir das discussões entre os resultados encontrados da aplicação dos questionários e a experiência como docente e pesquisadora da escola do Aviador.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para facilitar a discussão de dados deste estudo, estruturam-se em itens, de acordo com cada questão do instrumento de pesquisa do estudo.

### **A importância das aulas de Educação Física sob a ótica das estudantes**

As aulas de Educação Física são na maioria das vezes as aulas mais aguardadas da semana pelos/as alunos/as e uma das disciplinas que eles/as mais gostam ou preferem, porém, há aqueles/as que não a consideram assim e, deste modo nos chamam a atenção para a realização desta pesquisa.

Os resultados obtidos através da aplicação do questionário adaptado de Kobal (1996) foram analisados a partir das sete questões aplicadas às estudantes do Ensino Médio, resultando em seis tabelas que serão apresentadas abaixo:



A primeira tabela procura levantar a questão referente ao gosto ou não das estudantes quanto às aulas de Educação Física na escola do Aviador.

A tabela 1 possui o objetivo de averiguar a partir das respostas das estudantes o gosto pelas aulas de EF.

Tabela 1 - Questão 1: O gostar das alunas pela Educação Física.

	Quantidade	Porcentagem (%)
Gostam Muito	13	43,3%
Gostam Pouco	11	36,7%
Indiferente	1	3,3%
<b>Não Gostam</b>	<b>5</b>	<b>16,7%</b>
Total =	30	100%

Elaboração Própria

Fonte: Escola do Aviador (nome fictício), 2015.

Somando as estudantes que gostam muito e as que gostam pouco, temos o total de 24 estudantes que gostam de um modo geral das aulas de EF, representando 80% das estudantes entrevistadas. Isto é, mesmo que as aulas possuam pouca diversidade de conteúdos, apresentando repetidas aulas práticas de Futsal e Voleibol, estando classificadas como aulas “livres” como menciona Corsino (2010), as estudantes entrevistadas gostam deste tipo de aula.

### Sobre a participação nas aulas de Educação Física.

Na tabela 2 – o questionamento referia-se ao motivo que as estudantes elencavam ser mais importantes na hora de participar das aulas de EF.

Abaixo elencamos as afirmações das estudantes considerando as respostas de acordo com os critérios: Concordo Muito e Concordo.

Tabela 2 – Motivo que faz com que leva as estudantes a participar das aulas de EF:

	Quantidade	Porcentagem (%)
Faz parte do currículo/ vale nota	11	36,7%
Gosto de atividades físicas	11	36,7%
Estou com meus amigos/as	10	33,3%
Aumento meus conhecimentos	6	20%
Porque participamos em grupos distintos	10	33,3%
Total =	30	100%

Elaboração Própria

Fonte: Escola do Aviador (nome fictício), 2015.

Na primeira opção, das 30 estudantes, 11 justificaram sua participação alegando concordar muito que o motivo das aulas de EF encontrarem-se inseridas no currículo escolar e valerem notas sejam o principal motivo de suas participações.

Coincidindo com a segunda opção, 11 estudantes reconhecem concordar muito, que participam das aulas porque gostam de realizar atividades físicas.

Na terceira opção, 10 estudantes concordaram muito, sobre o fato de sua participação estar atrelada a companhia de seus amigos / suas amigas ou ao seu grupo de Amizade.

Apenas 6 estudantes afirmaram, na quarta opção, concordar muito que participam das aulas para aumentar seus conhecimentos sobre as modalidades esportivas e atividades físicas.

E, a quinta opção, com maior pertinência para este estudo, perguntou sobre o motivo da participação estar ligado à prática de esportes ou atividades físicas em grupos distintos (meninos x meninas). Neste caso somando as 2 estudantes que concordam muito às 8 estudantes que optaram pela resposta concordo, o motivo de suas participações acontece pelo fato de poderem participar em grupos distintos dos meninos.

O que de certa maneira, mesmo sem perceber, estas estudantes nos apontam uma situação de conflitos entre os gêneros. E que se tornam invisibilizadas pelo fato de suas participações ocorrerem em grupos distintos.

### **Motivos para a não participação**

Após identificarmos quais respostas se enquadravam no objetivo principal do estudo a ser desenvolvido, no caso reconhecermos que cinco (5) estudantes não gostam de participar das aulas de EF, buscamos identificar o porquê, ou melhor, qual o (s) motivo (s) relevante (s) para que estas alunas não participassem das aulas.

Na tabela 3 – Apresenta-se o questionamento semiaberto, onde cada estudante que declarou não gostar das aulas de EF deveria justificar o motivo de forma objetiva, surgindo assim as seguintes afirmações:

Tabela 3 - Questão 3: Fatores que levam as estudantes a não participarem.

	Quantidade	Porcentagem (%)
Não gostam de fazer esportes	3	60%
Não gostam de Atividades Físicas	1	20%
<b>Não sentem-se integradas ao grupo</b>	1	20%

Total =	5	100%
---------	---	------

Elaboração Própria

Fonte: Escola do Aviador (nome fictício), 2015.

Desta forma reconhecemos que três das cinco estudantes investigadas representam a maioria das opiniões, correspondendo 80% das opiniões, afirmam não participar das aulas de EF pelo fato de não gostar de esportes e não gostar de atividades físicas.

Na tabela 4 – Aprofundamos a questão para aquelas estudantes que não participam e também não gostam das aulas de EF.

A partir destas afirmações buscamos encontrar quais os fatores que as faziam não gostar de realizar as atividades físicas, esportivas ou ainda não sentirem-se integradas ao grupo conforme citaram na tabela acima. Encontrando os seguintes fatores:

Tabela 4 – Questão 4: Não gosto das aulas de Educação Física quando?

	Quantidade	Porcentagem (%)
<b>Não simpatizo com o/a professor/a</b>	<b>2</b>	<b>40%</b>
Alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros	1	20%
Quase não tenho oportunidade de jogar	1	20%
<b>Os meninos jogam junto</b>	<b>1</b>	<b>20%</b>
Total =	5	100%

Elaboração Própria

Fonte: Escola do Aviador (nome fictício), 2015.

Embora as estudantes afirmem não gostar dos fatores acima citados e que ocorrem na maioria das aulas práticas, as estudantes não entendem que estes fatores as impeçam de participar das aulas. Apenas reconhecem que a falta de empatia com seu professor ou sua professora são motivos para não gostar da disciplina e que nem por isso deixam de participar.

Assim, acontecem nas demais afirmações, o fato de existirem colegas de classe que querem demonstrar suas habilidades e sentem-se “melhores” do que os demais, ou a falta de oportunidades para jogar, ou ainda, não gostar de jogar quando os meninos estão junto, não faz com que as estudantes entrevistadas não participem, apenas justificam que não conseguem participar junto e procuram realizar suas atividades em grupos menores, pelos arredores do ginásio ou da quadra, em seus grupos de amizades e / ou afinidades.

Podemos constatar na tabela 5, que do total das 30 estudantes, os fatores acima listados não chegam a interferir na classificação das aulas de EF, ou seja, mesmo as alunas não gostando de alguns fatores, as aulas possuem conceitos entre Ótima, Boa e Regular.

Tabela 5 - Questão 5 – Como você classifica sua aula de Educação Física?

	Quantidade	Porcentagem (%)
Ótima	12	40,00%
Boa	16	53,34%
Regular	2	6,66%
Ruim	0	0%
Total =	30	100%

Elaboração Própria

Fonte: Escola do Aviador (nome fictício), 2015.

Segundo as estudantes entrevistadas, nenhuma delas afirmou que as aulas de EF na escola do Aviador são ruins, algo considerado positivo. A prevalência de respostas classificando as aulas de EF como Ótimas e Boas fez com que as estudantes verbalizassem algumas expressões, as quais considerou-se relevante apresentar:

*.. “É um entretenimento reparando com as outras aulas” (P. 16 anos)*

*.. “A educação física é uma matéria fundamental!” (G. 15 anos)*

*.. “Porque temos liberdade, para interagir com meus amigos e com os professores” (L. 16 anos)*

*.. “Eu participo e me divirto” (T. 16 anos)*

*.. “Esqueço das outras aulas e o ambiente é diferente” (A. 16 anos)*

Para estas estudantes, a Educação Física representa uma quebra de “ritmo”, uma aula para fazê-las saírem dos seus espaços determinados em sala, quebrarem o silêncio e a concentração pertinentes da sala de aula.

O questionamento da tabela 6 é embasado em uma auto avaliação, ou seja, as estudantes teriam que refletir sobre a sua participação nos últimos meses/anos e classificar o quanto diminuiu a sua participação nas aulas de EF, conforme abaixo:

Tabela 6 – Questão 6: Você percebe que sua participação nas aulas de EF diminuiu?

	Quantidade	Porcentagem (%)
--	------------	-----------------

Diminuiu muito	3	10%
Diminuiu pouco	12	40%
Indiferente	4	13,3%
Não diminuiu, continuo participando	11	36,7%
Total de meninas que participam e não gostam =	30	100%

Elaboração Própria

Fonte: Escola do Aviador (nome fictício), 2015.

Felizmente, e para nossa surpresa, 40% das estudantes percebe que sua participação diminuiu pouco, somando as respostas do quesito. Não diminuiu, continuo participando da mesma maneira nos últimos meses/anos, a qual soma 36,7%, temos 70,7% de participação efetiva nas aulas de EF.

Com menor incidência, apenas 10% das estudantes avalia que sua participação caiu muito nos últimos meses/anos e 13,3% das estudantes avaliou-se indiferente quanto à sua participação.

É como nós professoras e professores, conversamos informalmente, é aqui – na quadra ou no ginásio, que os alunos e as alunas se mostram como eles e elas realmente são, como desempenham suas habilidades, como eles e elas interagem socialmente e como desenvolvem suas relações sociais, aqui na EF conhecemos realmente cada um, cada uma na liberdade do movimento e na interação com os demais.

A partir da observação desta questão nos surgiu uma inquietação, será que estas estudantes compreendem o que são as relações de gênero? E como estas relações podem influenciar em muitas escolhas em nossa vida? Ou por acaso, você nunca tenha ouvido de seus familiares e conhecidos algo do tipo: “meninas não jogam futebol, porque é muito violento”, ou “meninas devem jogar voleibol” entre outras coisas, reafirmando condutas ultrapassadas e sexistas de dizer o que você pode ou não pode fazer, ou o que você deve ou não deve fazer, só porque você é menina?

É urgente que necessitamos mudar esta realidade! E afirmar que podemos, enquanto meninas, mulheres empoderadas, fazer tudo àquilo que queremos sem nos preocuparmos se é feminino ou não. O que eu, enquanto professora, posso e devo fazer para superar esta questão de empatia entre minhas alunas?

Com certeza estas inquietações são aspectos que devemos observar na construção e, principalmente, na atualização dos documentos que regem o trabalho pedagógico na unidade escolar como no PPP, no plano de curso anual ou semestral e nos planejamentos diários da disciplina de Educação Física.

Deste modo podemos enfatizar alguns resultados importantes que nos surpreenderam com a realização desta pesquisa na escola investigada:

- das estudantes que participam e gostam das aulas de EF (somando as estudantes que responderam gostar muito, gostar pouco e indiferente somam 25 estudantes das 30 investigadas, representando 83,3%);
- das cinco estudantes que responderam não gosto, somente uma relaciona a não participação com a presença de meninos;

Ou seja, na escola investigada as estudantes não tem esse problema caracterizado, isto é muito bom.

Assim, podemos considerar alguns aspectos relevantes:

a) as estudantes que não participam das aulas colocam como principais fatores: o primeiro fator é a falta de empatia com os/as professores/as e o segundo fator é a prática de esportes como única forma de atividade física realizadas nas aulas de Educação Física:

b) as estudantes que participam e gostam de praticar atividades físicas desportivas não gostam quando os estudantes do gênero masculino participam junto, pelo fato de que eles cobram e irritam-se com os erros delas.

O que nos faz perceber a reprodução de algumas atitudes “machistas” do modelo de cultura patriarcal no qual estamos inseridos. É o que relata Ferraz (2002) (apud Nogueira, 1999):

A estrutura patriarcal, bem como a visão androcêntrica da nossa sociedade, é limitativa da chegada das mulheres aos lugares de topo, e conseqüentemente de decisão. Quando ela os atinge, os constrangimentos institucionais são diversos. Estes constrangimentos, juntamente com hierarquia social, e as relações sociais de poder, são o que frequentemente limitam o poder de ação dos indivíduos.

A mesma autora, Ferraz (2002), busca conhecer o papel da escola frente às diferenças de gênero, percebendo que a escola mesmo não produzindo diretamente as assimetrias de gênero às reproduz gerando a iniquidade. Entretanto, a escola sendo um espaço de transformação social, coloca o sujeito em confronto com a cultura, ação esta que contribui para que tenhamos uma sociedade mais justa e mais democrática, permitindo assim a vivência plena da cidadania.

Podemos verificar que a escola possui um espaço privilegiado para a discussão e (re) construção de novos conceitos sobre os estereótipos de

masculinidades e feminilidades impostos em nossa sociedade, cabendo a nós, professores/as juntamente com a equipe pedagógica da unidade escolar na qual atuamos reconhecermos a importância de desenvolver o tema Gênero, indissociavelmente, dos conteúdos que aplicamos durante o ano letivo, inclusive nas aulas de Educação Física.

Onde meninos e meninas, adolescentes ou jovens, percebem-se ou não influenciados pelos estereótipos culturalmente disseminados e, que, conseqüentemente venham a influenciar no gosto pela prática esportiva, na forma como classificam a importância desta disciplina em sua formação e como ela pode vir a contribuir muito mais do que ser um momento de recreação, interação e de jogar bola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como resultado desta pesquisa, podemos apontar alguns pontos pertinentes, os quais estão presentes nas entrelinhas das discussões de Gênero e Diversidade na escola. A escola, na sua importante função social, necessita encaminhar-se com aprofundamento nas questões de Gênero por se tratar de um espaço de formação da cidadania e de transformação cultural, precisa fazê-lo com total abrangência, isto é, dentro e fora das salas de aulas, os/as alunos/as devem compreender as diferenças entre os gêneros e como tornar suas relações menos tensas e violentas, com o propósito maior de superar a violência entre homens e mulheres, a qual cresce em velocidade absurda na sociedade brasileira.

Esclarecer, aos educandos e educandas, a importância da disciplina de Educação Física no seu desenvolvimento pessoal e também, o motivo pelo qual ela está inserida na escola, sem contrapor ela as demais disciplinas, o que as estudantes relataram é também falta de discussões aprofundadas sobre a finalidade e o papel da EF na formação dos indivíduos, além de explorar demais modalidades esportivas, artísticas e culturais, como por exemplo, a dança, as lutas e a ginástica.

Sabemos que estas limitações se apresentariam no ponto de vista das estudantes, mas, que a partir desta pausa nas atividades práticas e refletindo um pouco sobre o cotidiano seriam possíveis novas ideias e novas formas de fazer a EF escolar passar a ter mais interesse, principalmente, do público feminino que por

utilização quase que somente dos esportes acabam desistindo ou diminuindo a sua prática.

Com o objetivo central de identificar um ou mais fatores que influenciassem na participação das alunas do ensino médio, bem esclarecido (s) e levando-se em consideração que na escola investigada as alunas são estimuladas a realizar qualquer atividade, inclusive jogos de cartas e caminhadas – que na visão delas parece não fazer parte da EF, percebemos uma importante preocupação por parte delas em querer fazer coisas novas, conhecer mais sobre as atividades que elas realizam e também saber onde serão aplicados os conhecimentos adquiridos nas aulas de EF.

Desta forma, compreendemos que os apontamentos de reflexões e ajustes no PPP escolar quanto ao tema Gênero é urgente em todas as disciplinas curriculares, principalmente se tratando da EF, onde os relatos das estudantes já demonstram existir certo nível de desgastes e desestímulos por conta das relações de poder estabelecidas entre os gêneros.

Com o findar deste ano letivo, todos estes apontamentos estão sendo feitos e estarão para apreciação de todo o corpo docente da unidade escolar afim de que a escola como um todo venha a desenvolver desde a elaboração e reestruturação dos planejamentos até a efetiva aplicação dos conceitos na realidade escolar.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a UTFPR, a UAB Blumenau, pela oportunidade deste curso acontecer; aos tutores José Francisco e a Magda, pelos esclarecimentos e inúmeras dúvidas sanadas; aos meus pais e ao Jeison pelo amor e apoio incondicional. A amiga Gerusa Ramos pelas pertinentes observações. Enfim, por todo o incentivo que recebi no decorrer desta trajetória.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana e AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? Revista Estudos Feministas. [online]. 2011, vol.19, n.2, pp. 491-501. ISSN 0104-026X.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104026X2011000200012>. Acesso em: 14/07/2015 as 14:02



CASTELLANI FILHO, Lino et al. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 2ª ed. rev. 2009.

CORSINO, Luciano Nascimento. Relações de gênero na educação física: a construção dos corpos de meninas e meninos nas “misturas” e nas separações da escola. *Fazendo Gênero*, v. 9, 2010.

DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. *Nuances: estudos sobre Educação*, v. 24, n. 3, p. 67-80, 2014.

DELGADO, D. M.; PARANHOS, T. L.; VIANNA, J. A. Educação Física escolar: a participação das alunas no ensino médio. *Efdeportes*, Buenos Aires, v. 14, n. 140, 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd140/educacao-fisica-escolar-a-participacao-das-alunas.htm>.

FERRAZ, Maria Goreti Carvalho. Questões de gênero na aula de Educação Física - Representações de alunas e de alunos do 9º Ano da Escola Básica do 2º, 3ºs Ciclos de Santiago (Matosinhos). Dissertação de Mestrado em Ciência do Desporto, Especialização em Desporto para crianças e jovens. Universidade do Porto, FCDEF. Porto. (2002).

KOBAL, Marília Corrêa. Motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de Educação Física. Marília Corrêa Kobal. Campinas, SP: [s, n,], 1996.

MARQUES, Clarice Gonçalves Pires. Questões de gênero na Educação Física Escolar. *Revista Estudos Feministas*, 2014, vol.22, n. 3, ISSN 0104-026X. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2014000300019&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2014000300019&script=sci_arttext)  
Acesso em: 14/07/2015 às 10:49.

OLIVEIRA, Flavio; MACEDO, Romário; SILVA, Adson. Fatores associados à participação das meninas nas aulas de educação física: uma questão de gênero? *ACTA BRASILEIRA DO MOVIMENTO HUMANO-BMH*, v. 4, n. 5, p. 73-86, 2015.

Secretaria do Estado de Santa Catarina. Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/proposta-curricular>>  
Acesso em: 27/09/2015 às 17:40.